

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A OLARIA NOS PUNÇÕES OU MARCAS DE OURIVES.

RIBEIRO, Margarida

Ano: 1972 | Número: 82

Como citar este documento:

RIBEIRO, Margarida, A olaria nos punções ou marcas de ourives. *Revista de Guimarães*, 82 (3-4) Jul.-Dez. 1972, p. 225-229.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A olaria nos punções ou marcas de ourives

Por MARGARIDA RIBEIRO

A reunião de elementos destinados ao estudo de algumas peças de ourivesaria do nosso povo levou-nos a tomar conhecimento dos punções ou marcas de contrastes e de ourives portugueses.

A confirmação de que os punções de ourives nos forneciam dados interessantes sobre a vida material do povo fez com que nos decidíssemos a escrever uma breve nota sobre o assunto.

Recorremos ao livro de Manuel Gonçalves Vidal, *Marcas de contrastes e ourives portugueses. Desde o século XV a 1950*, Lisboa, Casa da Moeda, 1958, que, como obra de conjunto e de fácil consulta, daria uma panorâmica geral dos aspectos a tratar.

Há anos, quando examinámos o punção de um objecto de ouro, entusiasmou-nos ver ali representado um pequeno utensílio. Não esquecemos o facto e várias vezes meditámos no valor psicológico desta informação. Efectivamente, os ourives portugueses, de 1887 a 1950, com a decadência e o abandono do formalismo clássico que os regimentos impuseram aos artistas do ouro e da prata, libertaram-se de convencionalismos e de preconceitos tradicionais, imprimindo nas suas marcas certo cunho pessoal e alguns apontamentos da sua vida material e da sua época, numa provável tentativa de originalidade.

É necessário esclarecer que, por *originalidade*, devemos entender, mais propriamente, representação do que não

é comum, daquilo que se pretende seja único, embora excêntrico, por vezes.

Verificámos, pois, que os nossos ourives cujas marcas se conhecem, de 1887 a 1950, abandonaram os perímetros sinuosos ou ovalados das marcas, as representações monogramáticas, os processos sistemáticos, confirmados no uso de granitos, rosetas e pequenas siglas para diferenciação, passando a figurar, com grande frequência, objectos e utensílios do mundo em que viveram e vivem.

A imaginação é pobre. O artista ao tentar descobrir a sua própria marca, que deseja inconfundível e talvez única, debruça-se, durante aquele período de 63 anos, sobre a vida que o rodeia.

Esta pobreza inventiva é justamente a parte emocional da questão. O recurso à própria vida é um apontamento curioso da época e da mentalidade do artista. Está ali impresso o seu apego ao mundo que o cerca, no qual se concentra e fortalece, bastando-se sem que o aflijam outras ambições e ansiedades. Se a inteligência e a aptidão manual convergem para a execução e esmero da obra, o sentimento afectivo não busca motivos extra-profissionais, nem se evade das realidades que lhe são familiares.

Para melhor apreciação, elaborámos uma síntese na qual discriminámos, apenas, algumas espécies.

Como se verificará, o pormenor do desenho dos punções é o factor de informação e de documento a que aludimos.

Se a banheira com o respectivo chuveiro a correr (*Ob. cit.*, p. 520, n.º 5 144) e o irrigador (*Ob. cit.*, p. 345, n.º 3 387), marcas de ourives do Porto, nos informam até que ponto obtemos indicações da vida privada destes dois artistas, o barco rabelo (*Ob. cit.*, p. 405, n.º 3 990), o arado de duas rabiças (*Ob. cit.*, p. 308, n.º 3 735), punções igualmente de artistas do Porto, e o tamanco (*Ob. cit.*, p. 401, n.º 3 948), marca de um ourives de Braga, documentam-nos sobre costumes de uma região.

As cronologias estão patentes nos desenhos, conferindo valor aos mesmos. O tamanco de 1810, a bicicleta de 1897 e o automóvel de 1903 assim o comprovam.

Em virtude de nos termos ocupado de vários temas de olaria, aproveitamos a oportunidade de reproduzir alguns punções, nos quais se podem ver diversos objectos

de barro, facilmente reconhecíveis, documentando o que acima dissemos e mostrando ao mesmo tempo um novo aspecto de uma indústria tão importante e antiga.

A garrafa de mesa para água — tão semelhante no bojo e na curvatura do copo à que se produz, ainda actualmente, em Eestremoz, e tão diferente daquela de fino barro polido e de perfil recortado, junto ao pé e na base do copo, que se produziu na olaria de Francisco de Sousa, em Areias (Barcelos), onde chegaram influências do Brasil no tratamento das terracotas —, é o único exemplo. Há, porém, variedade de vasos de jardim e de outras peças.

Resta acrescentar que a reprodução fotográfica dos punções foi executada por A. Santos de Almeida, directamente da obra de Manuel Gonçalves Vidal, da qual extraímos, também, os elementos respeitantes a cada marca reproduzida.

ELEMENTOS CONSTANTES DAS MARCAS DE OURIVES, DE 1887 A 1950

Alfaias agrícolas (Arado de duas rabiças, enxada de bicos, foice, rodado de carro de bois)

Aparelho de elevar água (Picota)

Armas (Arco e flecha, espada, pistola)

Baixelas de cozinha e de mesa

Balanças

Biberão

Calçado (Botas, forma de sapateiro, sapatos, tamancos)

Cavalaria (Estribos)

Chapelaria (Boné, cartola, chapéu colonial)

Chaves

Cinema (Máquina de projectar)

Comunicações e transportes (Automóveis, avião, barcos, bicicleta, carrinho de criança, máquina de caminho de ferro e carris, marco de correio, pontes, telefone)

Ferramentas

Ferro de engomar

Fogão a petróleo, de sala.

Fogareiros

Frutos

Fumo (Cachimbos)

Gaiola

Gramofone

Higiene (Banheira com chuveiro a correr, copo e escovas de dentes, lâminas de barbear, irrigador de clisteres, pulverizador)

Iluminação (Candeeiros a petróleo, castiçais, lâmpadas eléctricas, lamparinas, lanternas, pilhas eléctricas)

Instrumentos musicais (Bombo, corneta, guitarra, instrumento tubular de sopro, violoncelo)

Jardinagem (Carrinho, flores, sachinho de cabo curto)

Jogos (Cartas, dominó)

Loiças e vidros

Mamíferos (Camelo, cão, cavalo, coelho)

Mobiliário (Bancos, cadeiras, cadeirão estofado, mesas)

Moinhos

Navalha aberta

Óculos

Papagaio

Peixes

Pentes

Pincéis

Poços

Relógios

Símbolos (Bandeiras processionais, corações, cruzes, mitra, terço, trevo)

Sombrinha

Talheres

Tanoaria (Pipo)

Tinteiros

Vestuário (Botões de colarinho, camisas de homem, ceroulas, espartilho de senhora, meias, polainas)

GRAVURAS

- 1 — *Ob. cit.*, p. 502, n.º 4 959. Marca do ourives de Gondomar, Manuel Gomes Vieira, registada em 1901.
- 2 — *Ob. cit.*, p. 431, n.º 4 246. Marca do ourives de Gondomar, Joaquim dos Santos Oliveira, registada em 1887.
- 3 — *Ob. cit.*, p. 509, n.º 5 029. Marca do ourives do Porto, Manuel Moreira Marques, registada em 1919.

- 4 — *Ob. cit.*, p. 322, n.º 3 157. Marca do ourives do Porto, António Augusto Baptista, registada em 1888 e cancelada em 1892.
- 5 — *Ob. cit.*, p. 424, n.º 4 184. Marca da firma de Freamunde (Paços de Ferreira), Júlio Graça & Irmão, registada em 1923.
- 6 — *Ob. cit.*, p. 501, n.º 4 954. Marca do ourives da Figucira da Foz, Manuel da Costa Pinto, registada em 1899.
- 7 — *Ob. cit.*, p. 395, n.º 3 887. Marca do ourives do Porto, Damião M. Fernandes, registada em 1917.
- 8 — *Ob. cit.*, p. 545, n.º 5 393. Marca do ourives do Porto, Vitorino Monteiro Rebelo, registada em 1922.
- 9 — *Ob. cit.*, p. 358, n.º 3 519. Marca do ourives de Gondomar, António Pereira das Neves, registada em 1932.



1

(Gondomar)



2

(Gondomar)



3

(Porto)



4

(Porto)



5

(Freamunde)



6

(Figueira da Foz)



7

(Porto)



8

(Porto)



9

(Gondomar)